

XVI SEMINÁRIO INTERNO DE
PESQUISA DO CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE E AGRÁRIAS

ISSN: 2176-1167



UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA

XVI SEMINÁRIO INTERNO DE
PESQUISA DO CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE E AGRÁRIAS

ANAIS

*22 de Junho de 2016
Cruz Alta, RS*



2017, Universidade de Cruz Alta
Rodovia Municipal Jacob Della Mèa
Km 5.6 - Distrito Parada Benito - Cruz Alta, RS
CEP 98.020-290
Fone/Fax: (55) 3321 1500

Organização e Revisão Geral: Themis Goretti Moreira Leal de Carvalho; Brenda da Silva

Diagramação: Thiago Yuki Maeda

Responsabilidade Administrativa:

Fundação Universidade de Cruz Alta

UNICRUZ; Cruz Alta, RS, Brasil.

S471a Seminário Interno de Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde e Agrárias (16: 2016: Cruz Alta, RS)
Anais [do] XVI Seminário Interno de Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde e Agrárias, 22 de junho de 2016 – Cruz Alta: UNICRUZ, 2016.

Modo de acesso: Internet
ISSN 2176-1167

1. Dengue 2. Sexualidade - adolescência 3. Drogas –
adolescência Título.

CDU 616-092.11(063)

Catálogo na fonte: Bibliotecária Eliane Catarina Reck da Rosa CRB-10/2404

São reservados todos os direitos.

É proibida a duplicação, reprodução ou tradução em outras línguas desse volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação ou outros), sem a permissão expressa da Editoria. São de exclusiva responsabilidade de seus autores, as opiniões e conceitos emitidos nos trabalhos.



Patrícia Dall’Agnol Bianchi

Reitora

Diego Pascoal Golle

Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Solange Beatriz Billig Garcês

Pró-Reitora de Graduação

Carlos Eduardo Moreira Tavares

Pró-Reitor de Administração

Regis Augusto Norbert Deuschle

Diretor do Centro de Ciências da Saúde e Agrárias

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
--------------------	---

RESUMOS EXPANDIDOS

CONHECIMENTO DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE DENGUE NO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFESSOR ANNES DIAS	12
--	----

Angélica Santos Machado
Gabriela de Campos Lourenço
Christian dos Santos Dalenogare
Raiany Bittencourt Vieira
Themis Goretti Moreira Leal de Carvalho

CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS E USO DE TABACO DURANTE A ADOLESCÊNCIA NO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFESSOR ANNES DIAS.....	17
---	----

Bruna Rabatoli de Oliveira
Juliana Lemes dos Santos
Karolaine funk
Lucas dos Santos Silveira
Rayane Souza Pitan
Themis Goretti Moreira Leal de Carvalho

ESCOLA, SEXUALIDADE, PRÁTICAS SEXUAIS
E VULNERABILIDADES PARA AS INFECÇÕES
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST)..... 22

Camila Pileco Capeletti
Maria Letícia Mello
Marcelo Donato Brum
Patrícia Rizzi Vieira
Thais dos Santos da Costa
Themis Goretti Moreira Leal de Carvalho

ABORDAGEM DA VIDA SEXUAL DOS JOVENS
E ADULTOS DO INSTITUTO ANNES DIAS 33

Marcelo Donato Brum
Camila Pileco Capeletti
Thais dos Santos Costa
Maria Letícia Mello
Patrícia Rizzi Vieira
Themis Goretti Moreira Leal de Carvalho

USO DE ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS
DROGAS POR ALUNOS DO IEE
PROFESSOR ANNES DIAS..... 38

Bruna Rabaioli de Oliveira
Juliana Lemes dos Santos
Karolaine Pereira Funck
Lucas dos Santos Silveira
Rayane Souza Pittan
Themis Goretti Moreira Leal de Carvalho

APRESENTAÇÃO

O acelerado crescimento do conhecimento nos últimos anos tornou impraticável o ensino baseado exclusivamente na transmissão oral de informação. O desafio da universidade hoje é formar indivíduos capazes de buscar conhecimentos e de saber utilizá-los. Desta forma acreditamos que o ensino universitário precisa ser entendido como um processo de crescimento em mão dupla no qual a interação entre docentes e discentes contribua para o crescimento individual e em grupo, compartilhado com a sociedade através do entrelaçamento entre ensino, pesquisa e extensão.

Compreende-se, neste contexto, pesquisa como uma atividade criativa e sistemática realizada com o fim de incrementar o acervo do conhecimento científico para a produção de novos conhecimentos e aplicações.

É dentro desta perspectiva que a inserção precoce do aluno de graduação em projetos de pesquisa se torna um instrumento valioso para aprimorar qualidades desejadas em um profissional de nível superior, bem como para estimular e iniciar a formação daqueles mais vocacionados para a pesquisa.

Sabemos que para desenvolver um projeto de pesquisa é necessário buscar o conhecimento existente na área, formular o problema e o modo de enfrentá-lo, coletar e analisar dados, e tirar conclusões. Aprende-se a lidar com o desconhecido e a encontrar novos conhecimentos, fato determinante para a construção de educandos autônomos no sentir, pensar, refletir e agir.

Conscientes destes fatos realizamos o **XVI Seminário Interno de Pesquisa do CCSA - Centro de Ciências da Saúde e das Agrárias** da UNICRUZ com os objetivos de possibilitar aos acadêmicos a divulgação de seus trabalhos de pesquisa e extensão junto à comunidade acadêmica, realizando a socialização de conhecimentos entre vários cursos da UNICRUZ, permitindo um intercâmbio de experiências e vivência universitária.

É com orgulho que apresentamos este Livro de Resumos, fruto das pesquisas realizadas no primeiro semestre de 2016 nas disciplinas de Metodologia da Pesquisa - núcleo comum, Introdução à Fisioterapia e Educação em Saúde do Curso de Fisioterapia da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ.

Parabéns a todos que possibilitaram esta construção!

Themis Goretti Moreira Leal de Carvalho

Coordenadora do Evento

RESUMOS EXPANDIDOS

CONHECIMENTO DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE DENGUE NO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFESSOR ANNES DIAS

MACHADO, Angélica Santos¹
DALENOGARE, Cristian dos Santos¹
LOURENÇO, Gabriela de Campos¹
VIEIRA, Raiany Bittencourt¹
CARVALHO, Themis Goretti Moreira Leal de²

Palavras-chave: Dengue. Saúde. Mosquito. Conhecimento.

INTRODUÇÃO

A dengue tem surgido como um dos problemas de saúde pública de maior relevância no mundo. A Organização Mundial de Saúde estima que cerca de 80 milhões de pessoas se infectam anualmente em 100 países de todos os continentes, aproximadamente 550 mil doentes necessitam de hospitalização e 20 mil morrem, em consequência da enfermidade (GLUBER, 2002; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2001).

Segundo Barros, 2007, a incidência da dengue no Brasil necessita de inovações que propiciem a prevenção da difusão da doença, ainda mais no domicílio. As inovações abrangem a utilização de tecnologias relacionadas com propostas que informem e eduquem o público, apesar da propagação de conhecimento, as estatísticas mostram que não há um vínculo direto entre a adição de conhecimento e conduta preventiva.

O mosquito transmissor, o *Aedes aegypti*, tendo-se adaptado a viver no Peri domicílio humano, põem seus ovos em recipientes com água, como: tanque, pias, calhas, caixa d'água, no telhado e em qualquer outro lugar onde se acumule água

¹ Acadêmicos do Curso de Fisioterapia da Universidade de Cruz Alta-UNICRUZ.

² Prof.^a Adjunta do Centro de Ciências da Saúde e Agrárias da Universidade de Cruz Alta- UNICRUZ.

limpa. (REY, 2002).

A dengue é uma doença que vem apresentando alto índice de epidemia no país, desde a década de 80, com sintomatologia caracterizada por: febre, cefaleia, dor retroorbital, náusea, vômitos, mialgia, artralgias, rash cutâneo. O quadro clínico é auto limitado, sendo a doença raramente fatal (FILHO, 2000).

A dengue vem no Brasil de forma contínua, intercalando-se com ocorrência de epidemias, e com aumento significativo na década de 90 por causa da disseminação do *Aedes aegypti* no território nacional, constatando a presença dos sorotipos 1 e 2 em 20 dos 27 estados do país, a circulação do sorotipo 3 foi identificada a primeira vez em dezembro de 2000 nos estados do Rio de Janeiro e Roraima. Nos primeiros meses de 2002, o sorotipo 3 já era detectado em quase todo território nacional, sendo que a maior epidemia de todos os tempos foi em 2002, quando foram registrados mais de 700 casos (BRASIL, 2002).

METODOLOGIA

Pesquisa de cunho exploratório e descritivo realizada com alunos do ensino médio e técnico profissionalizante do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias matriculados no ano de 2016 no ensino médio e no ensino técnico. Sendo um total de 514 alunos, 227 do gênero masculino e 280 do gênero feminino. Com média de idade de 18 anos.

A coleta dos dados foi realizada através da aplicação de um questionário: *Questionário de dengue* modificado da Prefeitura Municipal de Cruzília-MG, do ano de 2015, que constou de 17 perguntas fechadas, com o objetivo de determinar o conhecimento sobre o mosquito vetor da dengue e a análise foi realizada sob a forma de percentuais. O programa utilizado foi o IBM SPSS Statistics 21.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Para o atendimento a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) n°

466, de 12 de dezembro de 2012, que trata de pesquisas e testes em seres humanos o projeto teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ/CEP. Não houve risco à saúde física ou psicológica dos participantes da pesquisa e, a fim de manter a confidencialidade das informações, os questionários não contêm nomes. Os resultados serão utilizados exclusivamente para a publicação de artigos científicos resguardando sempre a privacidade do indivíduo.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após tabulação dos resultados, pode-se observar que, dentro desses 514 alunos, 86,5 sabe como se pega a dengue e 49% sabe que apenas a fêmea da espécie pica o homem, devido aos nutrientes presentes no sangue necessários para o desenvolvimento dos ovos, após acasalamento. 56% sabe reconhecer o mosquito, o qual é preto com manchas brancas; 28,2% sabe que não é possível distinguir a picada do *Aedes aegypti* da de um mosquito comum e 61% sabe que o mosquito deve estar infectado para transmitir o vírus.

Os sintomas da dengue podem variar, mas os mais comuns são febre, dores de cabeça e nas articulações e desidratação e podem aparecer entre o 3º e o 15º dia após a picada do mosquito. Não existe tratamento específico, a única recomendação é ingerir bastante líquido, para retardar a desidratação. É possível tratar os sintomas da doença, ou seja, fazer um tratamento sintomático. Não há limite para o número de vezes que uma pessoa pode ser infectada, ao contrário de outras doenças para as quais o sistema imune cria barreiras.

Apenas 11,3% dos alunos soube responder o tempo de vida de um mosquito, que varia entre 30 e 40 dias, um tempo de vida longo, para um inseto, que, nesse meio tempo, pode infectar até 300 pessoas e colocar até 450 ovos, questão que somente 5% acertou.

O mosquito *Aedes aegypti* prefere picar o ser humano a qualquer outra espécie porque, de acordo com Vosshall (2011), nós provemos o estilo de vida ideal para os mosquitos. Sempre com água ao redor para favorecer sua reprodução, poucos pelos

e vivencia em grandes grupos. Eles se apaixonaram pelo odor humano, o que foi a chave para a sua especialização.

Ovos do mosquito ressecados, em um recipiente vazio, também são perigosos, pois, mesmo seco, o ovo sobrevive por aproximadamente 500 dias e, se água atingir o ovo ele retorna ao ciclo de vida. Há perigo, também, na água de piscina sem tratamento com pH e cloro estabilizados nas doses indicadas para água em condições de banho, pois provem de ótimas condições para reprodução do vetor da dengue. O *Aedes aegypti* é atraído por temperatura e umidade altas, por isso, lugares quentes são mais favoráveis à proliferação, o que torna a infestação pelo mosquito mais intensa no verão.

DISCUSSÃO

Apesar de toda uma campanha na esperança da erradicação do vetor não apenas da dengue, mas também de outras doenças, grande parte da população não sabe de muitas características importantes em relação ao mosquito e nem mesmo os sintomas que uma pessoa que foi infectada pode apresentar, ou em quanto tempo estes irão aparecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análise e discussão dos resultados, foi elaborado um plano de educação e saúde, visando levar informações e conhecimentos capazes de melhorar o conhecimento em relação ao mosquito vetor da dengue. Este plano de educação e saúde constará de: oficina pedagógica com distribuição de folders educativos.

O tema é bastante sério e de suma importância, deve ser aprofundado, pois o entendimento e a participação da população em relação às medidas preventivas é essencial. É direito e dever de todos fiscalizar as medidas de prevenção que devem ser tomadas em sua casa e em toda a comunidade, pois os cuidados de nada adiantarão a não ser que todos se mobilizem contra o mosquito, pois o problema é de todos, mas

a solução também, afinal, um mosquito não é mais forte que um país inteiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, H. **Investigação de Conhecimentos sobre a dengue e o índice de adoção de um recurso preventivo**. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro 2007.

GLUBER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** 3. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Dengue**: guidelines for diagnosis, treatment, prevention and control. Geneva: WHO, 2009.

VOSSHALL, L. **Evolution of mosquito preference for humans linked to an odorant receptor**. Washington, DC, 2011. <Disponível em <http://www.nature.com/nature/journal/v515/n7526/abs/nature13964.html>> Acesso em 05/06/2016.

BRAGA, I. A.; VALLE, D. *Aedes aegypti*: surveillance, resistance monitoring, and control alternatives in Brazil. **Revista de Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Biologia**: catálogo do Programa Nacional do Livro para o ensino médio: PNLEM/2009. Brasília, 2008.

CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS E USO DE TABACO DURANTE A ADOLESCÊNCIA

OLIVEIRA, Bruna Rabaioli de¹

SANTOS, Juliana Lemes dos¹

FUNCK, Karolaine Pereira¹

SILVEIRA, Lucas dos Santos¹

PITAN, Rayane Souza¹

CARVALHO, Themis Goretti Moreira Leal de²

Palavras chaves: Alcoolismo. Tabagismo. Adolescência.

Introdução

O número no consumo de bebidas alcoólicas, do uso de tabaco e outras substâncias psicoativas durante a adolescência vêm aumentando. Segundo o Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA) 48,3% dos jovens entre 12 e 17 anos já fizeram uso de álcool, onde 15,5% são dependentes do mesmo, além disso, 30% dos casos de traumas físicos atendidos nas unidades de emergência se dá pelo consumo elevado. A iniciação do uso de álcool e do tabaco está associado a diversas razões principalmente, a aceitação em um grupo, aos amigos e parentes geralmente de primeiro grau, como pai, mãe e irmãos (RAMIS *et al*, 2012).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o fumo é a principal causa de morte por câncer que pode ser evitada no mundo. Comparando o nível de dependência entre os jovens de 15 à 24 anos em algumas regiões do país, a região sul apresentou a maior dependência a nicotina com 21,5% dos adolescentes. (PETab, 2008).

Uma pesquisa feita pela WHO, constatou que jovens fumantes comparado

¹ Acadêmicos do Terceiro Semestre do Curso de Biomedicina da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).

² Professora adjunta do CCSA/UNICRUZ, líder do Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ- orientadora da pesquisa.

aos não fumantes, consomem 3 vezes mais álcool, usam 8 vezes mais maconha, 22 vezes mais cocaína e ainda apresentam comportamentos de risco como sexo sem proteção e agressão física (PIMENTEL, MATA E ANES, 2013).

Metodologia

A presente pesquisa tem característica de um estudo exploratório e descritivo, que será realizado com alunos do ensino médio e técnico profissionalizante do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias.

De acordo com Gil (2008) uma pesquisa exploratória, constitui um estudo que busca propiciar ao público alvo uma maior familiaridade com o problema instituído pela pesquisa, através de um forte levantamento bibliográfico, estabelecendo um trabalho preliminar para o desenvolvimento de pesquisas com diferentes tipologias.

Ainda segundo Gil (2008) estudos científicos, que trabalham com variáveis e a posterior análise das mesmas, são comumente caracterizados como pesquisas experimentais e objetivam observar a influência de uma determinada variável no objeto de análise.

A população do presente estudo foi composta pelos alunos matriculados no ano de 2016 no ensino médio (primeiro, segundo e terceiro ano) e matriculados no ensino técnico profissionalizante de enfermagem, secretariado, química, contabilidade e administração. Sendo um total de 514 alunos, 227 do gênero masculino e 280 do gênero feminino. Com média de idade de 18 anos.

A coleta dos dados foi realizada através da aplicação de um questionário: *Questionário de mensuração de dependência nicotínica* modificado da Turma 53 de odontologia da Universidade de Brasília do ano de 2008, este questionário foi aplicado durante o período de aula, individualizado e constou de 9 perguntas abertas e 12 fechadas, que tiveram o objetivo de determinar o conhecimento, as atitudes e a prática dos alunos no consumo de álcool e o uso de tabaco na adolescência.

Após as análise e discussão dos resultados, elaboramos um plano de

educação e saúde, visando levar informações e conhecimentos capazes de melhorar as atitudes e práticas com relação ao consumo de bebidas alcoólicas e uso de tabaco durante a adolescência. Este plano de educação e saúde constou de: oficina pedagógica com distribuição de folders educativos e, além disso, banners com os resultados encontrados foram expostos no interior da escola afim de que os alunos participantes da pesquisa pudessem refletir sobre o resultado da mesma.

Análise dos resultados foi feita de duas maneiras: quantitativamente e qualitativamente.

A análise quantitativa foi feita através da estatística descritiva sob a forma de percentuais.

A análise qualitativa permitirá uma maior compreensão dos dados e seguiremos o olhar de MINAYO (1993), que diz:

“a abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO, 1993).“

O projeto teve apreciação do comitê de ética e pesquisa – CEP - da UNICRUZ, sob o número CAAE 0014.0.417.000-10 (Plataforma Brasil).

Não houve riscos para integridade física, mental ou moral, para os participantes do estudo. A pesquisa expôs os indivíduos a um risco mínimo a saúde, decorrentes de possíveis constrangimentos psicológicos que foram orientados e supervisionados pelos responsáveis do estudo.

As informações obtidas nesta pesquisa poderão ser úteis cientificamente e de ajuda para todos os participantes. Os resultados serão utilizados exclusivamente para a melhoria dos dados epidemiológicos e para a publicação de artigos científicos, resguardando sempre a privacidade de cada indivíduo envolvido. Os resultados da pesquisa foram entregues aos pesquisados individualmente, e Oficinas Pedagógicas de educação e saúde foram ministradas ao grande grupo, visando uma melhor

informação, conhecimentos e melhora da saúde.

Resultados e Discussões

A partir da pesquisa exploratória realizada em artigos acadêmicos sobre álcool e drogas, percebeu-se que a adolescência é um tempo de exploração, descobertas e escolhas, que é período de transição, no qual os adolescentes desenvolvem as suas capacidades experimentando novos tipos de comportamento e enfrentam o desafio de adaptarem comportamentos saudáveis.

Pode-se perceber também que a primeira droga consumida pelas crianças e adolescentes é o tabaco, mas que apesar disso, não é a substância mais usada, e sim, o álcool. Os adolescentes, geralmente, iniciam suas experiências com as drogas consideradas lícitas, como o álcool e o tabaco, nos seus ambientes familiares.

Segundo Ferreira *et al* (2010) a adolescência é um tempo de exploração, de descobertas e de escolhas realizadas pelos adolescentes, pois é um período de transição que os leva a desenvolver capacidades experimentando novos comportamentos e desafios. Este artigo teve como objetivo principal analisar hábitos de consumo de bebidas alcoólicas e de tabaco entre os adolescentes de uma escola de Portugal.

Na pesquisa foi possível perceber que a maioria dos estudantes não fumam, apesar de o tabaco ser geralmente a primeira droga, e que o hábito de fumar começa mais rapidamente em garotas, e também se perceber um aumento com o avanço da idade, já nos garotos foi possível perceber que eles têm mais hábito de beber e que também há um aumento em relação ao avanço da idade (RAMIS *et al*, 2012).

Na pesquisa realizada foi notificado que há preferência pelas bebidas destiladas, e que 44,1% dos questionados já se embriagaram pelo menos uma vez, e que a maioria não pretende parar de beber.

Conclusão

Levando-se em consideração todos os pontos destacados nos artigos pesquisados, pode-se ter certeza que as drogas lícitas estão fazendo parte cada vez mais da vida de crianças e adolescentes, e isto os levará a um futuro provável de diversos problemas de saúde.

Sabe-se que o uso do tabaco e o consumo de bebidas alcoólicas são responsáveis por cerca de 4% do peso global de um conjunto de doenças e que o tabagismo é considerado um forte fator de risco para doenças, sendo seu consumo, a causa de aproximadamente 4,9 milhões de mortes por ano no mundo (PIMENTEL, MATA E ANES, 2013).

Deve-se então conscientizá-los que o consumo de bebidas alcoólicas e o consumo do tabaco não os farão melhor psicossocialmente, e que isso só os farão menos saudáveis.

Referências

Ferreira, MMSRS, Torgal MCLFPR. **Consumo de álcool e tabaco na adolescência.** Rev. Latino-Am. Enfermagem, 2010.

FRANCA, C; COLARES, V. **Estudo comparativo de condutas de saúde entre universitários no início e no final do curso.** *Rev Saúde Pública* 2008;

RAMIS, T. R; MIELKE, I. G; HABEYCHE, E, C; OLIZ, M.M; AZEVEDO, M. R; HALLAL, P. C. **Tabagismo e consumo de álcool em estudantes universitários: prevalência e fatores associados,** 2012.

PRIMO, Stein AT. **Prevalência do abuso e da dependência de álcool em Rio Grande (RS): um estudo transversal de base populacional,** 2004.

PIMENTEL, M. H; MATA, M. A. P; ANES, E. M. G. J. **Tabaco e Álcool em estudantes: mudanças decorrentes do ingresso no ensino superior,** 2013.

ESCOLA, SEXUALIDADE, PRÁTICAS SEXUAIS E VULNERABILIDADES PARA AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST)

KRABBE, Elisete Cristina¹

BRUM, Marcelo Donato²

CAPELETTI, Camila Pileco²

COSTA, Thais dos Santos²

MELLO, Maria Letícia²

VIEIRA, Patrícia Rizzi²

CARVALHO, Themis Goretti Moreira Leal de³

Palavras- Chave: Conhecimento. Saúde. Cuidado. Prevenção.

INTRODUÇÃO

No Brasil, 30,3% da população está na faixa dos 10 aos 24 anos, representando cerca de 54 milhões de indivíduos. Essa população está exposta a riscos e relações de vulnerabilidades (BRASIL, 2013b).

A sexualidade entre os adolescentes ainda continua sendo um assunto que pode provocar polêmica na sociedade. Em algumas famílias, sexo é um assunto por vezes proibido de ser mencionado fazendo com que o jovem adolescente busque informações fora de casa. Estas informações podem estar erradas em inúmeros momentos ou então, o adolescente deixa de tirar suas dúvidas por sentir-se inseguro ou constrangido em abordar este tema com uma pessoa que não é de seu

¹ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Fisioterapia da Universidade de Cruz Alta-UNICRUZ. Participante do Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva. Bolsista PIBEX/UNICRUZ. eli7krabbe@gmail.com

² Acadêmicos do 4º semestre do Curso de Biomedicina da Universidade de Cruz Alta-UNICRUZ - autores do estudo.

³ Prof.^a Adjunta do Centro de Ciências da Saúde e Agrárias da Universidade de Cruz Alta- UNICRUZ. Líder do Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ, técnica científica do Centro de Atendimento ao Educando – CAE/Tupanciretã-RS. carvalhothemis@gmail.com - orientadora do estudo.

convívio diário. Desta forma, os jovens ficam mais vulneráveis a contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) ou ter uma gravidez não planejada. De acordo com Dias, et al. (2010), a vulnerabilidade provém muitas vezes da iniciação sexual precoce, acompanhada da falta de uso de um método preventivo, além de que as IST podem causar esterilidade, doença inflamatória pélvica, câncer de colo uterino, gravidez ectópica, interferindo negativamente na autoestima.

A primeira relação sexual geralmente não é um evento planejado, ocorrendo em algum momento inesperado e sem preparação. A falta de conhecimento sobre a vulnerabilidade deixa o jovem exposto a riscos. Desta forma se faz necessário adotar medidas de conscientização e elaboração de planos de educação em saúde para abordar o jovem e esclarecer sobre os riscos.

Pesquisas realizadas pelo Ministério da Saúde (2010) indicam que “a escola é considerada por alguns como o espaço de transição entre o mundo da casa e o mundo mais amplo”. O ambiente escolar é um local onde a grande maioria dos adolescentes passa parte de seu dia. Neste local os jovens podem esclarecer suas dúvidas, conversar e aprender sobre inúmeros temas, inclusive a sexualidade. Para Gubert, et al. (2009), o ambiente escolar é um local primordial para o desenvolvimento de conhecimento e habilidades junto a comunidade escolar, objetivando a garantia de mudanças de comportamento.

De acordo com o Ministério da Saúde (2009), a escola se distingue das demais instituições, pois educa por meio da construção de conhecimentos resultantes do confronto dos diferentes saberes. Para Krabbe, et. al. (2015), quanto mais informações forem repassadas a comunidade escolar, menores serão os índices de contaminação.

Tendo em vista que o jovem está exposto a vários riscos, nesta pesquisa procuramos determinar a informação que adolescentes da rede pública do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias, do município de Cruz Alta/RS tem sobre sua sexualidade e saúde sexual, construindo ações capazes de desenvolver o senso crítico dos adolescentes, propiciando entendimento dos riscos e da importância de avaliar comportamentos e atitudes para a prática de ações de

prevenção e promoção da saúde.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é estudo exploratório e descritivo, que foi realizado com alunos do Ensino Médio (primeiro, segundo e terceiro ano) e Técnico Profissionalizante (Enfermagem, Secretariado, Química, Contabilidade, Segurança do Trabalho e Administração) do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias, da cidade de Cruz Alta/RS. A população do presente estudo foi composta pelos alunos matriculados no ano de 2016. A amostra total foi de 441 alunos matriculados.

A coleta de dados foi realizada através da aplicação de um questionário, aplicado durante o período de aula e de forma individualizada, com objetivo de verificar o conhecimento dos alunos sobre assuntos relacionados à sexualidade e práticas sexuais. As perguntas descritas no questionário foram:

- a) Onde procura informação quando tem dúvidas sobre assuntos relacionados a sexualidade;
- b) Conversa com os pais sobre sexualidade;
- c) Já teve relação sexual; se sim, com que idade;
- d) Você usou preservativo na primeira relação sexual;
- e) Quais doenças você acha que podem ser transmitidas por relação sexual;
- f) Quais métodos contraceptivos podem evitar uma gravidez.

Para tabulação dos dados foi utilizado o Programa IBM SPSS Statistics 21, com estatística descritiva sob a forma de percentuais.

Oficinas Pedagógicas foram desenvolvidas na escola, com exposição de banners com os resultados da pesquisa e discussão dos mesmos. Também foi instituído na escola um dispensador de preservativos femininos e masculinos, para que os alunos possam ter o acesso contínuo a eles.

Para atendimento à Resolução 196/96, apreciação do comitê de ética e

pesquisa – CEP - da UNICRUZ, sob o número CAAE 0014.0.417.000-10. Não houve risco à saúde física ou psicológica dos participantes da pesquisa e, a fim de manter a confidencialidade das informações, os questionários não contêm nomes.

Figura 1: Aplicação do questionário



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa teve uma amostra de 441 alunos matriculados no ano de 2016 no IEE Professor Annes Dias. 36% (n=158) são do gênero masculino e 63% (n=277) são do gênero feminino. 1% (n=6) não marcou a opção do gênero. A mediana da idade foi de 17 anos.

Durante a pesquisa, foi perguntado aonde cada aluno procura informação quando tem dúvidas sobre assuntos relacionados à sexualidade. 35% (n=153) responderam que procuram informação com pais, 29% (n=130) tiram suas dúvidas com amigos e 20% (n=88) com médicos ou outros profissionais da saúde.

Os pais são exemplo para seus filhos, transmitem valores sendo a primeira

referência, porém quando o assunto é sexualidade, muitos pais ou até mesmo os jovens não compartilham suas experiências e dúvidas, ficando o jovem exposto à vulnerabilidade. Para Muza e Costa (2002), é imprescindível uma aproximação dos pais e dos profissionais da saúde com o jovem adolescente, pois a adolescência é um fenômeno bastante complexo.

O percentual de 74% (n=325) informaram que já tiveram relações sexuais, sendo que destes 75% (n=246) estavam na faixa etária entre 13 e 17 anos de idade. Para Malta (2011), os adolescentes brasileiros têm iniciado suas relações sexuais mais precocemente, sendo fundamental promover a orientação, apoio e proteção adequada para que os jovens tenham responsabilidade e conhecimento sobre a vulnerabilidade em que estão inseridos.

Muitas vezes o jovem é exposto a situações que ainda não são tão bem compreendidas por ele. O acesso fácil às informações como a internet faz com que o jovem se comporte como adulto, porém ele ainda não está preparado.

Dos 325 alunos que já tiveram relação sexual, 73% (n=237) deles, informaram que utilizaram preservativo na primeira relação sexual e 27% (n=88) não usaram preservativo na primeira relação sexual. O meio de prevenção mais comum é o uso de preservativo, diminuindo o índice de contaminação. O uso de preservativos protege os parceiros das IST e também da gravidez indesejada (MALTA, et.al. 2011). A abstinência de qualquer prática sexual é o meio mais seguro de prevenção (NADAL & NADAL, 2008), mas não é a que acontece, inclusive porque é ímpar a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes com seguridade.

Desde 2003, o Ministério da Saúde implantou o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), no qual são realizadas ações de promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva de adolescentes e jovens, contribuindo com a redução do número de pessoas infectadas por IST, HIV/aids e também pela evasão escolar devido à gravidez não planejada.

Foram questionadas aos alunos, quais Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) podem ser transmitidas por via sexual. 87% (n=385) acreditam que o HIV é

transmitido pela via sexual, 13% (n=56) acreditam que não.

Mesmo com todos meios de divulgação, campanhas do governo, cartazes, assuntos abordados junto à sala de aula e em casa, ainda nota-se o quanto os jovens estão suscetíveis a contrair alguma IST. A falta de conhecimento pode levar a práticas que comprometam a saúde do jovem (FERREIRA, 2003).

É preciso salientar que:

“A adolescência constitui uma fase de maior vulnerabilidade à infecção pelo HIV não só pelas modificações biopsicossociais que ocorrem, mas também pela necessidade que o adolescente possui de explorar o novo e experimentar riscos. (...) a abordagem do sexo seguro entre adolescentes continua sendo necessária. Dada a complexidade da prevenção do HIV, não se pode ter um olhar individual e particular sobre o problema, há que se considerar a interface entre as dimensões da vulnerabilidade. Permanece o desafio de se buscar alternativas criativas que contemplem os elementos de vulnerabilidade individual dos adolescentes, e que façam sentido nos diferentes contextos sócio-culturais em que os adolescentes estão inseridos e vivenciam sua sexualidade” (TOLEDO et al., 2011).

Com relação ao HPV, 67% (n=294) acreditam que é transmitido pela via sexual e 33% (=147) acreditam que não. O HPV é um vírus e sua transmissão se dá no ato sexual, por contato e pela transmissão vertical de mãe para filho, durante o parto (QUEIROZ, CANO E ZAIA, 2007). Segundo Ministério da Saúde (2013a), o principal responsável pelo câncer de colo do útero é o HPV, apresentando-se na maioria das vezes de forma assintomática, podendo ser detectado através do exame citopatológico e confirmada pela coloscopia e exame histopatológico.

Em 2014, o Sistema Único de Saúde (SUS) lançou a campanha de vacinação contra o HPV para meninas de 09 a 13 anos de idade, estando disponível gratuitamente em todas as salas de vacinação do SUS. Esta vacina previne quatro tipos de HPV. Após esta campanha, além de conseguir vacinar grande parte da população alvo, com os meios de divulgação houve uma elevação no número de pessoas com conhecimento sobre a forma de transmissão e suas complicações.

Quanto a sífilis, 65% (n=287) acreditam que ela é transmitida pela via sexual

e 35% (n=154) acredita que não. A sífilis possui várias formas de transmissão, porém o principal meio é pela via sexual, podendo também ser transmitida verticalmente de mãe para filho, por via indireta ou por transfusão de sangue (LIMA, 2013; MAGALHÃES, 2013). Nota-se, mais uma vez, que a falta de conhecimento entre os adolescentes contribui para o aumento do número de casos. Quanto menos conhecimento sobre a vulnerabilidade em que está inserido, menores serão as chances e a preocupação em se proteger.

Verificou-se até o momento que o HIV é a IST mais conhecida, seguida do HPV e após a sífilis. Em relação ao herpes, somente 52% (n=230) acreditam que ele é transmitido na relação sexual. A transmissão ocorre pelo contato sexual, ou de mãe para filho durante o parto e se encontra em ascensão principalmente durante os jovens, devido à prática de sexo oral. (PENELLO, et. al., 2010).

Ao serem questionados sobre o preservativo, 93% (n=412) relataram que o preservativo é um método contraceptivo para evitar gravidez e 67% (n=297) acreditam que a pílula é um método contraceptivo. De acordo com o Ministério da Saúde (2009), os adolescentes podem usar a maioria dos métodos anticoncepcionais disponíveis. O preservativo deve ser usado em todas as relações sexuais, independente do uso de outro método anticoncepcional, pois ele oferece dupla proteção (IST e gravidez) funcionando como uma barreira, pois o esperma ejaculado fica retido na camisinha, impedindo a entrada do espermatozoide no corpo da mulher, já as pílulas podem ser usadas desde a primeira menstruação, impedindo a ovulação e dificultando a passagem do espermatozoide para o interior do útero sendo um método contraceptivo para a gravidez, porém não oferece nenhuma proteção quanto as IST.

Os dados foram expostos e discutidos na escola, afim de permitir o envolvimento dos alunos e professores, levando a conscientização da realidade e do desafio que a comunidade escolar deve enfrentar para que a promoção e proteção da saúde sexual dos estudantes aconteça, diminuindo as vulnerabilidades a que estão expostos.

Dessa forma, é fundamental:

[...] valorizar, promover e incentivar o autoconhecimento, que implica buscar conhecer a si próprio, os valores, o modo de ver e viver a vida e as relações com os outros, em tomar contato com os sentimentos, em conhecer o corpo e em identificar as potencialidades e dificuldades/bloqueios de diversas ordens. Da mesma forma, é importante estimular a construção de relacionamentos que contribuam para o crescimento pessoal, que ajudem na superação das dificuldades e fortaleçam a autoestima (BRASIL, 2010, p.40).

Nas escolas, o trabalho de promoção da saúde com os educandos, e também com professores e funcionários, precisa ter como ponto de partida “o que eles sabem” e “o que eles podem fazer”, fato perseguido pelos pesquisadores do estudo, que seguiram as recomendações descritas no Caderno do Gestor do PSE (Programa Saúde na Escola), buscando:

“desenvolver, em cada um, a capacidade de interpretar o cotidiano e atuar de modo a incorporar atitudes e/ou comportamentos adequados para a melhoria da qualidade de vida. Desse modo, profissionais de Saúde e de Educação devem assumir uma atitude permanente de emponderamento dos princípios básicos de promoção da saúde por parte dos educandos, professores e funcionários das escolas (BRASIL, 2015, p.8).

Precisamos construir na escola, cada vez mais, espaços de diálogo entre adolescentes, jovens, professores, e profissionais de saúde, pois espaços de diálogos é, comprovadamente, um importante dispositivo para construir resposta social com vistas à superação das relações de vulnerabilidade as IST, a infecção pelo HIV, e a aids, assim como à gravidez não planejada. Portanto as ações desenvolvidas devem ir além da dimensão cognitiva, levando em conta aspectos subjetivos, questões relativas às identidades e às práticas afetivas e sexuais no contexto das relações humanas, da cultura e dos direitos humanos (BRASIL, 2010).

Figura2: equipe pesquisadora - reflexão e discussão dos resultados na escola



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nítida a necessidade de ações continuadas em educação e saúde com jovens, uma vez que a vida sexual inicia cada vez mais precocemente e o adolescente, muitas vezes, não dispõe de informações suficientes. A escola é um eixo de formação de hábitos, um local apropriado para a implantação de políticas preventivas e educativas relacionadas à saúde sexual dos jovens. É um ambiente capaz de proporcionar um diálogo entre alunos, professores e demais profissionais da área da educação e saúde, com o propósito de orientar, educar e informar sobre os riscos que o jovem está

exposto.

Os dados encontrados no estudo mostram vulnerabilidades importantes que podem ser modificadas se for instituído ações propostas pelo Programa Saúde na Escola (PSE). Atividades com o objetivo de contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, de prevenção e de atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades presentes no Instituto Educacional Professor Annes Dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica. **Caderno do Gestor do PSE** - Ministério da Saúde, Ministério da Educação. Brasília/DF: Editora Ministério da Saúde, 2015.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília/DF: Editora do Ministério da Saúde, 2009.

_____. Ministério da Saúde. **Orientações básicas de Atenção Integral à saúde de adolescentes nas escolas e Unidades Básicas de Saúde**. Brasília. DF: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Atenção Básica. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama**. Brasília/DF, 2 ed. Editora do Ministério da Saúde, 2013a.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Recomendações para a atenção integral a adolescentes e jovens vivendo com HIV/Aids**. Brasília/DF: Editora do Ministério da Saúde, 2013b.

DIAS, F.L.A. et al. **Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência**. Revista Enfermagem. Rio de Janeiro, vol. 18, nº 3, julho/setembro de 2010.

FERREIRA MP. **Conhecimento e percepção de risco sobre o HIV/AIDS: um perfil da população brasileira no ano de 1998**. Caderno de Saúde Pública. [S.l.]

vol. 19, p. 213-22, 2003.

GUBERT, F.A. et al. **Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE.** Revista Eletrônica de Enfermagem. Goiânia, vol. 11, nº 1, 2009.

KRABBE, E.C.; et al. **Vacina contra o HPV e a prevenção do câncer do colo do útero: uma necessidade de avanço na prática cotidiana da ciência da saúde.** Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão Cruz Alta, vol. 3, nº1. 2015.

LIMA, M.G. et al. **Incidência e fatores de risco para sífilis congênita em Belo Horizonte, Minas Gerais, 2001-2008.** Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, vol. 18. nº 2, 2013.

MALTA, D.C. et al. **Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares.** Revista Brasileira de Epidemiologia, São Paulo, vol.14, nº 1, 2011.

MAGALHÃES, S.M.D. et al. **Sífilis materna e congênita ainda um desafio.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, vol. 29, nº 6. 2013.

MUZA, G.M.; COSTA, M.P. **Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes - o olhar dos adolescentes.** Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, vol. 18, nº 1, jan./fev. 2002.

NADAL, L.R.M.; NADAL, S.R. **Indicações da Vacina Contra o Papilomavirus Humano.** Revista Brasileira de Coloproctologia. Rio de Janeiro, vol. 28, nº 1, jan./mar. 2008.

PENELLO, A.M.; et. al. **Herpes Genital.** Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis. [S.l.] Vol. 22, nº2, 2010.

QUEIROZ, A. M. A.; CANO, M. A. T.; ZAIA, J. E. **O papiloma vírus humano (HPV) em mulheres atendidas pelo SUS, na cidade de Patos de Minas – MG.** Revista Brasileira Análise Clínica, Rio de Janeiro, vol. 39, n. 2, p. 151-157, 2007.

TOLEDO, M.M. et al. **Elementos de vulnerabilidade individual de adolescentes ao HIV/AIDS** Elementos de vulnerabilidade individual de adolescentes ao HIV/AIDS. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília, vol. 64, nº2, mar./abr. 2011.

USO DE ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS POR ALUNOS DO IEE PROFESSOR ANNES DIAS

KRABBE, Elisete Cristina¹
OLIVEIRA, Bruna Rabaioli de²
SANTOS, Juliana Lemes dos²
FUNCK, Karolaine Pereira²
SILVEIRA, Lucas dos Santos²
PITAN, Rayane Souza²
CARVALHO, Themis Goretti Moreira Leal de³

Palavras- Chave: Álcool. Drogas. Consumo. Adolescência.

INTRODUÇÃO

Segundo o Centro de Informações sobre Saúde e Álcool - CISA, (2016), sabe-se que o consumo de álcool na adolescência prejudica a formação cerebral, aumenta as chances de gravidez, a violência e acidentes. Quanto mais precoce o uso de álcool, maiores são os riscos de problemas. Nosso país apresenta os maiores índices de mortes relacionadas ao consumo de álcool por adolescentes na faixa de 15 e 19 anos, quando comparado com os demais países das Américas.

Não somente o álcool, mas também muitos adolescentes têm sido expostos precocemente ao tabagismo, para serem aceitos pelo grupo, a fim de conquistar um espaço na sociedade. Relatam também que o uso da nicotina é a “porta de entrada” para outras drogas ilícitas (INCA, 2015).

Segundo Gil, et al. (2008), na fase da adolescência ocorre modificações

¹ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Fisioterapia da Universidade de Cruz Alta-UNICRUZ. Participante do Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva. Bolsista PIBEX/UNICRUZ. eli7krabbe@gmail.com

² Acadêmicos do 4º semestre do Curso de Biomedicina da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) - autores da pesquisa.

³ Prof.^a Adjunta do Centro de Ciências da Saúde e Agrárias da Universidade de Cruz Alta- UNICRUZ. Líder do Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ, técnica científica do Centro de Atendimento ao Educando – CAE/Tupanciretã-RS. carvalhothemis@gmail.com - orientadora da pesquisa.

físicas, comportamentais e emocionais, aumentando as chances do envolvimento com drogas. O mesmo autor relata também que o jovem tem a percepção de que nada acontecerá e que a situação pode ser controlada, aumentando o uso de drogas.

Desta forma, o objetivo deste trabalho foi determinar o conhecimento, as atitudes e a prática dos alunos do Ensino Médio e Técnico Profissionalizante do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias com relação ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas.

METODOLOGIA

A pesquisa é estudo exploratório e descritivo. A população foi composta pelos alunos matriculados no Ensino Médio e Técnico Profissionalizante dos cursos de Enfermagem, Secretariado, Química, Contabilidade e Administração, no ano de 2016, totalizando 398 alunos.

A coleta dos dados foi realizada através da aplicação de um questionário, a fim de determinar o conhecimento, as atitudes e a prática dos alunos referente ao consumo de álcool, o uso de tabaco e outras drogas na adolescência.

Após as análise e discussão dos resultados, foi elaborado um plano de educação e saúde, visando informações e conhecimentos capazes de melhorar as atitudes e práticas com relação ao consumo de bebidas alcoólicas e uso de tabaco durante a adolescência.

A análise dos resultados apresentados a seguir foi realizada através da estatística descritiva sob a forma de percentuais. O projeto teve apreciação do comitê de ética e pesquisa – CEP - da UNICRUZ, sob o número CAAE 0014.0.417.000-10.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A amostra da pesquisa foi composta por 398 alunos, dos quais 60% (n=239) são do gênero feminino e 40% (n=159) do gênero masculino.

Sobre o álcool, 83% (n=330) já fizeram o uso do mesmo, sendo que destes 66% (n=217) costumam beber com amigos. Para Vier, et al. (2007), na adolescência, o jovem se une aos iguais adotando os mesmos hábitos e regras do grupo.

De acordo com a Lei Federal nº 8.069, art. 243, é proibido vender, fornecer servir ou ministrar bebida alcoólica a menores de idade, no entanto no Brasil não existe uma fiscalização rigorosa e desta forma o jovem consegue ter acesso as bebidas alcoólicas fazendo o uso para poder se tornar membro de grupos.

O consumo ocorre principalmente em momentos de união dos grupos ou em festas sendo utilizado para descontração, visto que o álcool age como uma substância que facilita a euforia (VIER, et al. 2007).

O percentual de 30% (n=119) já fez o uso do tabaco. Destes, 37% (n=44) relataram que o pai, a mãe ou ambos fazem o uso do mesmo. Para Araújo (2010), quando os pais fazem o uso dessa substância, as crianças são o alvo perfeito para adquirir os mesmos hábitos, visto que os pais são modelos de comportamento para seus descendentes. No estudo de Abreu, Souza e Caiaffa (2011), ter algum familiar fumante, mostra-se como um ponto importante de associação entre o consumo de tabaco em adolescentes.

Sobre as drogas, 19% (n=75) relataram já ter feito uso de drogas em algum momento. A droga mais citada que foi utilizada na primeira experiência foi à maconha com 76% (n=57). No estudo de Elicker, et al. (2015), foi relatado que o preço mais baixo e o fácil acesso a esta droga, quando comparado às demais, explica esse percentual elevado de utilização da maconha na primeira experiência.

No estudo de Taquette, Vilhena e Paula (2004), verificou-se que as chances de contrair doenças sexualmente transmissíveis (DST), aumentam significativamente com o consumo das drogas lícitas e ilícitas.

O modismo da adolescência e o desejo de realizar o que é proibido aumentam os números de jovens adultos e adolescentes que utilizam drogas. Sérias consequências podem acometer essa população, pois o consumo exagerado leva o jovem à dependência ocasionando alterações no comportamento e na saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações obtidas por esse estudo são relevantes e evidenciam que a falta de informação e a conscientização é a porta de entrada para que adolescentes caiam na tentação de fazer o uso de drogas lícitas ou ilícitas.

A escola é vista como o agente transformador, sendo fundamental para a preparação do jovem frente à temática, portanto todo profissional da área da saúde e educação deve informar e conscientizar o adolescente para que o mesmo tenha condições de cuidar da sua vida com segurança e qualidade, além do envolvimento da família junto a escola para a realização de programas de conscientização e prevenção das drogas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M.N.S.; SOUZA, C.F.; CAIAFFA, W.T. **Tabagismo entre adolescentes e adultos jovens de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil: influência do entorno familiar e grupo social.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, vol. 27, nº5, mai. 2011.

ARAÚJO, A.J. **Tabagismo na adolescência: Por que os jovens ainda fumam?** Jornal Brasileiro de Pneumologia. São Paulo, vol. 36, nº 6, nov./dez. 2010.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

ELICKER, E. et al. **Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil.** Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde. Brasília, vol. 24, nº3, jul./set. 2015.

GIL H.L.B. et al. **Opinião de adolescentes estudantes sobre consumo de drogas: um estudo de caso em Lima, Peru.** Revista Latino-americana de Enfermagem. [S.l.] Vol. 16, jul./ago. 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA) Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/acoes_programas/site/home/nobrasil/programa-nacional-control-tabagismo/criancas-

adolescentes-jovens>. Acesso em: 06 de julho de 2016.

STATUS DO CONSUMO DE ÁLCOOL NAS AMÉRICAS. Disponível em:
<<http://www.cisa.org.br/artigo/6510/status-consumo-alcool-nas-americas.php>>.
Acesso em: 06 de junho de 2016.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M.M.; PAULA, M.C. **Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco**. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. [S.l.] Vol. 37, nº3, mai./jun. 2004.

VIER B.P. et al. **Uso de álcool e tabaco em adolescentes**. Arquivo do Mudi. [S.l.] vol.11, nº 2, p. 5-8, 2007.

ABORDAGEM DA VIDA SEXUAL DOS JOVENS E ADULTOS DO INSTITUTO ANNES DIAS

BRUM, Marcelo Donato¹

CAPELETTI, Camila Pileco¹

COSTA, Thais dos Santos¹

MELLO, Maria Letícia¹

VIEIRA, Patrícia Rizzi¹

CARVALHO, Themis Goretti Moreira Leal de²

Palavras-Chaves: Conhecimento. Saúde. Cuidado. Prevenção.

Introdução

Um dos assuntos polêmicos entre a sociedade, relacionado à adolescência, é a vida sexual dos jovens, em muitas famílias o assunto sexo é algo proibido, assim muitos jovens tendem a buscar as informações que precisam através de amigos ou, muitas vezes, nem procuram informações.

O número de jovens de 16 a 24 anos, no Brasil, representa 18% da população total do país, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2002. Apesar do número elevado, muitos desses jovens ainda não têm acesso a informações e serviços adequados ao atendimento de suas necessidades em termos de saúde sexual e reprodutiva que os estimulem a tomar decisões de maneira livre e responsável (TEIXEIRA, 2006).

De acordo com Lyra *et Al.* e Muza e Costa, pouco se destaca a adolescência numa perspectiva mais positiva ou mais otimista e a ênfase recai sobre o paradigma do risco: risco de gravidez, risco de abuso de álcool e outras drogas, risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis. Consequentemente, as ações voltadas

¹ Acadêmicos do Curso de Biomedicina, Universidade de Cruz Alta/ UNICRUZ.

² Docente do Centro de Ciências da Saúde e Agrárias Universidade de Cruz Alta/ UNICRUZ, Líder do Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ- orientadora da pesquisa.

à saúde integral dos adolescentes por vezes assumem um caráter moral e regulador, que visa a resgatar adolescentes e jovens de sua inconsequência e ignorância. Exemplo disso são as ações voltadas ao controle da gravidez precoce e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), cuja abordagem enfoca o risco e a vulnerabilidade. (LYRA ET AL. 2002) e (MUZA E COSTA 2002).

De maneira geral, o adolescente não recebe na família informações que envolvam a saúde e, quando tem acesso, essas informações são muitas vezes limitadas e inadequadas, provenientes de amigos, de pessoas pouco preparadas para essa função. A maior parte das informações disseminadas diz respeito ao uso de preservativos para prevenção de DST/AIDS; entretanto, o mecanismo de funcionamento do corpo e a puberdade, pouco é abordado (ROMERO *et al*, 2007).

Este estudo propôs-se a avaliar o nível de informação sobre a sexualidade, desenvolvimento e saúde sexual de adolescentes da rede pública do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias, Cruz Alta – RS, no ano de 2016.

Metodologia

A presente pesquisa teve característica de um estudo exploratório e descritivo, que foi realizado com alunos do ensino médio e técnico profissionalizante do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias, da cidade de Cruz Alta- RS. A população do presente estudo foi composta pelos alunos matriculados no ano de 2016. A amostra consta de 441 alunos matriculados no ensino médio, curso normal e cursos técnicos.

Segundo GIL (2008), as pesquisas exploratórias é desenvolver um levantamento bibliográfico ou entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado para proporcionar maior familiaridade com o problema e de acordo com Barros e Lehfel'd (2007) as pesquisas descritivas realizam o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador. São exemplos de pesquisa descritiva as pesquisas mercadológicas e de opinião.

Resultados E Discussões

A análise dos resultados foi feita de duas maneiras: quantitativamente e qualitativamente. A análise quantitativa foi feita através da estatística descritiva sob a forma de percentuais e o programa utilizado foi o SPSS.

Esta pesquisa foi realizada no Instituto Estadual de Educação Professor Annes a amostra consta de 441 alunos, sendo 36,5% do sexo masculino, 62,4% do sexo feminino e 1,1% não marcou gênero. A maioria tinha de 15 a 18 anos.

Em relação à pergunta sobre com quem os jovens procuram informações sobre a sexualidade, 153 (34,7%) jovens responderam que foram com os pais, 130 (29,5%) jovens responderam que foram com os amigos e 88 (20%) tiram suas dúvidas com médicos/profissionais. Já na questão de conversas com os pais sobre o assunto o número de jovens que responderam sim foi de 246 (55,8%) e 190 (43,1%) responderam que não conversam com os pais.

Não há dúvida de que, atualmente, as adolescentes falam mais sobre sexo com os pais. Contudo, as conversas transitam apenas na superficialidade, não há esclarecimento sobre a necessidade de alguns cuidados antes da iniciação sexual e do conhecimento adequado dos métodos contraceptivos. Os amigos frequentemente também são procurados, mas as conversas começam interessantes e posteriormente acabam na vulgarização, deixando sérias dúvidas sobre a validade do conteúdo e a seriedade do diálogo. (MONTEIRO et al, 2006).

Já em relação se os jovens entrevistados já haviam tido relações sexuais 324 (73,5%) disseram que sim e 116 (26,3%) responderam que não haviam tido relações sexuais. Na questão da idade cerca de 83 (18,8%) responderam que tiveram sua primeira relação sexual com 15 anos, 59 (13,4) tiveram com 14 anos, 51 (11,6%) jovens responderam que foram com 16 anos, 27 (6,1%) tiveram com 13 anos e cerca de 26 (5,9%) alunos tiveram sua primeira relação com 17 anos de idade.

Em uma projeto realizado na Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde em várias cidades do Brasil, os resultados revelaram que 30,5% dos adolescentes já tiveram relação sexual alguma vez na vida, sendo mais meninos

(43,7%) do que meninas, (18,7%), com maiores percentuais nas escolas públicas (33,1%) do que nas privadas (20,7%). A frequência por idade mostra que, antes dos 13 anos, 12,5% já haviam tido relação sexual; aos 13 anos, 15,3%; aos 14 anos, 24,9%; aos 15 anos, 47,3% e aos 16 anos, 63,5%.(MALTA, *et al*, 2012).

Você usou preservativo na sua primeira relação? Nessa questão pode-se perceber que a maior dos jovens, 237 (53,7%), responderam que usaram preservativos, 88 (20%) responderam que não e 114 (25,9%) jovens não tiveram relações sexuais. Você faz uso de algum medicamento? (anticoncepcional ou tratamento para DSTs), Já na questão da medicação a grande maioria nunca usou medicamento totalizando em 268 (60,8%) jovens e 136 (30,8%) usam medicamentos. A grande maioria nunca usou medicamentos totalizando em 254 (57,6%) jovens, 152 (34,5%) consultaram um médico para conseguir os medicamentos e 31 (37%) obtiveram os medicamentos por indicação.

Quando os alunos foram questionados sobre quais doenças que eles achavam que poderiam ser transmitidas por via sexual, cerca de 385 (87,3%) dos alunos disseram que o HIV é transmitido e 55 (12,5%) responderam que o HIV não é sexualmente transmissível. Em relação ao HPV a grande maioria, 294 (66,7%), dos alunos responderam que ele não é sexualmente transmissível, já 146 (33,1%) responderam que sim. Quando os alunos foram questionados sobre a Herpes houve um resultado parecido, 229 (51,9%) disseram que sim e 211 (47,8%) responderam que Herpes não é sexualmente transmissível. Na última opção cerca de 287 (65,1%) responderam que a Sífilis é uma DST e 153 (34,7) responderam que não.

Em um trabalho realizado no Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente do Departamento de Pediatria da Universidade Federal de São Paulo quanto às DST, os dois grupos, entrevistados, relataram ser a Aids a doença mais conhecida: 43% na zona rural e 39% na urbana. As outras DST foram pouco referidas e são, muitas vezes, pouco conhecidas por grande parte dos adolescentes, como é o caso da candidíase e do HPV. Apesar disso, responderam incorretamente sobre a forma de aquisição da doença; sendo a porcentagem de conhecimento das outras afecções no primeiro grupo: hepatite B (19%), gonorréia (13%), herpes genital (11%), sífilis

(10%), candidíase (2%), condiloma ou Papilomavírus (1,5%), e no segundo grupo: hepatite B (20%), gonorréia (12%), herpes genital (13%), sífilis (11%), candidíase (2%), cancro mole (2%) e condiloma ou Papilomavírus (1%). As adolescentes desconhecem doenças como tricomoníase e linfogranuloma venéreo. (ROMERO et al, 2007).

Considerações Finais

Concluimos com essa pesquisa que alguns jovens possuem conhecimento sobre sexualidade, porem muitos ainda são leigos. Na entrevista realizadas com os jovens da Escola Annes Dias pode-se perceber que uma grande maioria de jovens obtém informações sobre sexualidade através dos pais e, conseqüentemente, conversam com os mesmos sobre o assunto.

Os médicos/profissionais e os amigos também são fontes para obter as respostas de que os jovens necessitam sobre esse assunto. Na questão das doenças sexualmente transmissíveis pode-se concluir que os jovens ainda possuem informações muito fracas sobre esse assunto. Muitos dos jovens não conhecem os riscos de contrair o HPV em uma relação sexual, por outro lado muitos sabem que o HIV é uma doença sexualmente transmissível. Por fim, a grande maioria dos jovens sabem o preservativo e a pílula são os métodos mais seguros para evitar uma gravidez. Entretanto muitos, ainda, acham que a pílula do dia seguinte é uma método seguro, sendo que não protege contra DST's e nem sempre evita a gravidez.

Desta forma, concluimos que é preciso ter mais orientações nas escolas, pois elas são um eixo de formação de hábitos de também um local apropriado para a implantação de políticas preventivas e educativas relacionadas a saúde sexual dos jovens. Também deve haver uma maior liberdade entre os pais para o diálogo.

Referências

ELFORD, K.J.; SPENCE, J.E.H. **The forgotten female: pediatric and adolescent gynecological concerns and their reproductive consequences.** *J Pediatr Adolesc*

Gynecol. 2002;15(2):65-77. DOI:10.1016/S1083-3188(01)00146-2.

HUFF, M.B.; MCCLANAHAN, K.K.; BROWN, H.A.; OMAR, H.A. **It is more than just a reproductive healthcare visit: experiences from an adolescent medicine clinic.** *Int J Adolesc Med Health.* 2009;21(2):243-8. DOI:10.1515/IJAMH.2009.21.2.243.

MONTEIRO, D.M.; TRAJANO, A.J.B.; SILVA, K.S.; RUSSOMANO, F.B. **Doença cervical pré-invasiva e câncer cévico-uterino em adolescentes brasileiras: prevalência e fatores associados.** *Cad Saude Publica.* 2006;22(12):2539-48. DOI:10.1590/S0102-311X2006001200004.

ROMERO, K.T.; MEDEIROS, E.H.G.R.; VITALE, M.S.S.; WEHBA, J. **O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo.** *Rev Assoc Med Bras.* 2007;53(1):14-9.